

## Taxa de desemprego no Brasil bate recorde

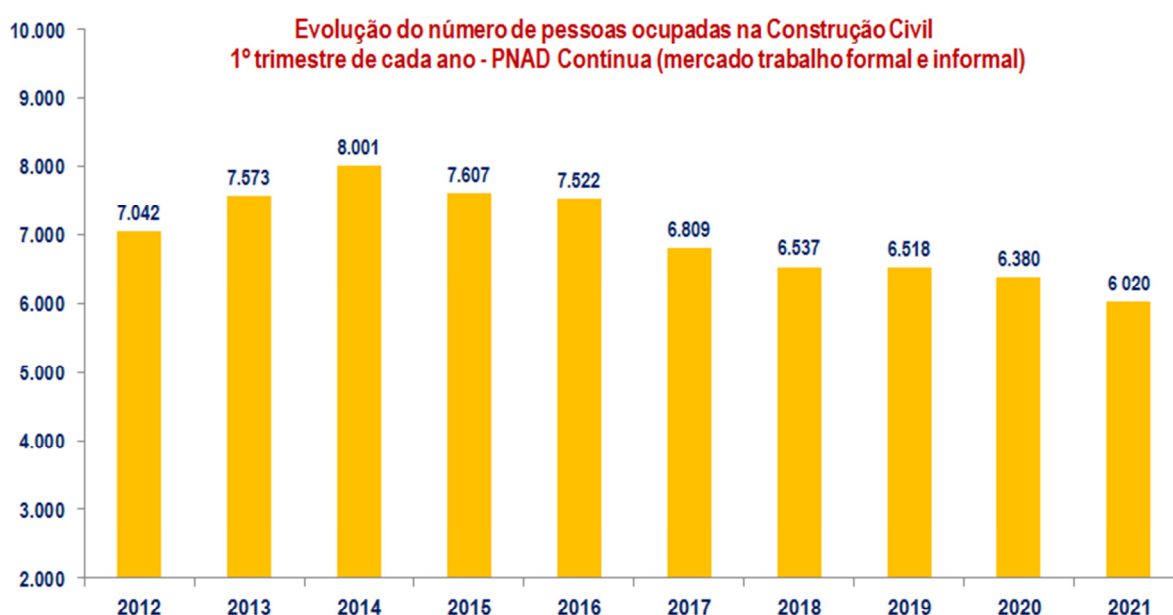
Os resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) confirmam, mais uma vez, a fragilidade do mercado de trabalho brasileiro. No 1º trimestre de 2021 a taxa de desocupação alcançou 14,7% enquanto de outubro a dezembro de 2020 foi de 13,9%. Geralmente, nos primeiros três meses do ano, este indicador aumenta, em função do efeito sazonal (contratações no final do ano e dispensa no início do ano). Entretanto, o percentual registrado de janeiro a março de 2021 foi o maior desde o início da série histórica da pesquisa (2012).



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

O número de pessoas que buscam um emprego no País também alcançou recorde: 14,805 milhões de pessoas, o que corresponde a um acréscimo de 880 mil pessoas na comparação com o trimestre anterior (13,925 milhões). Em relação ao 1º trimestre de 2020 observa-se que a população desocupada aumentou em 1,855 milhão. O agravamento da crise de saúde pública nos primeiros meses do ano, o fim do pagamento do auxílio emergencial, a preocupação com as novas variantes da Covid-19, o processo de vacinação ainda em ritmo lento para conter a doença, a inflação persistente e a demora no avanço das reformas estruturantes (administrativa e tributária), contribuíram para aumentar as incertezas nos primeiros meses de 2021. Acrescente-se a isso, naturalmente, os efeitos sazonais do início do ano. Apesar da melhora das expectativas para o resultado do Produto Interno Bruto (PIB) em 2021, o mercado de trabalho segue muito fragilizado. E essa situação é preocupante.

Num momento onde o grande desafio da economia é criar novos empregos, para garantir renda a população, setores como a Construção Civil podem, e devem, contribuir para melhorar o cenário. Mas, infelizmente, o setor encontra dificuldades para dinamizar ainda mais o seu mercado de trabalho. O contingente de pessoas ocupadas no segmento, de janeiro a março/21 (6,020 milhões) ficou praticamente estável em relação ao último trimestre do ano passado (6,018 milhões). Assim, de acordo com o resultados da PNAD, que envolve o mercado de trabalho formal e informal, o número ocupações na Construção foi acrescido em apenas 2 mil. Em relação aos primeiros três meses do ano passado, a Construção registrou queda de 361 mil pessoas ocupadas.



Fonte: PNAD Contínua - IBGE

Obs.: Em milhares.

Entre os segmentos que apresentaram resultados positivos, na comparação do 1º trimestre/2021, em relação ao 4º trimestre de 2020 (Agricultura, Indústria geral, Transporte, Informação, Serviços Domésticos e Construção) o setor foi o que registrou o menor crescimento das ocupações. Isso demonstra que tanto o segmento formal do setor, como o informal, estão demonstrando mais fragilidade. Na passagem do 3º trimestre para o 4º trimestre/20 o aumento no número de ocupações no setor foi 296 mil.

Os dados do Caged já demonstraram que em março e abril a Construção reduziu em quase 50% o ritmo de criação de vagas. A média de 44.327 novos empregos formais registrados no 1º bimestre do ano caiu para 23.215 nos meses de março e abril. Portanto, o setor perdeu dinamismo no seu mercado de trabalho. E um dos principais motivos já é amplamente conhecido: o desabastecimento e a elevação exagerada nos preços dos insumos.

Conforme os dados da PNAD trimestral, Pernambuco (21,3%), Bahia (21,3%) Sergipe (20,9%) e Alagoas (20,0%) são os estados com as maiores taxas de desocupação. Já Santa Catarina (6,2%), Rio Grande do Sul (9,2%), Paraná (9,3%) e Mato Grosso (9,9%) demonstraram os menores percentuais de desemprego.

No cenário de forte desemprego no País, é preciso destacar que a Construção Civil vem realizando esforços para continuar trabalhando, mesmo diante das dificuldades impostas pela pandemia. Por meio de protocolos e boas práticas, o setor tem executado suas atividades preservando a saúde dos seus trabalhadores. Entretanto, o ambiente atual de forte elevação de custos de seus insumos, além de desabastecimento, tem provocado menor ritmo de crescimento de suas atividades. Isso pode comprometer o desempenho previsto para este ano, o que certamente dificultaria ainda mais a retomada econômica nacional. Sempre é bom lembrar que a Construção Civil provoca muito mais do que desenvolvimento econômico. Ela provoca desenvolvimento social.